

A observação-participante nas claques portuenses: procedimentos, etapas e constrangimentos

Participant-observation in the Oporto ultra groups:
procedures, stages and constraints

Daniel Seabra

Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
Doutor em Antropologia, UFP
das@ufp.edu.pt

RESUMO: Este texto apresenta uma descrição da observação-participante efetuada nas claques denominadas Alma Salgueirista, Coletivo Ultras 95, Panteras Negras e Super Dragões. Depois de uma breve introdução na qual se define o que são claques e se identificam também as raízes destes grupos no hooliganismo inglês e no Movimento Ultra italiano, são referidos os principais períodos da sua evolução em Portugal. Segue-se a apresentação das várias etapas pelas quais passou o processo de observação-participante das claques investigadas. Em cada uma delas é privilegiada a descrição de várias situações vividas no seio dos grupos observados. Apesar do destaque conferido à dimensão empírica, este texto contempla também a reflexão sobre a equação pessoal do investigador e sobre o papel com que este se apresentou na interação com os membros das claques, as lógicas em presença e a forma como estes o entenderam.

PALAVRAS-CHAVE: Observação-participante; Claques; Hooliganismo; Movimento Ultra; Futebol e performance.

ABSTRACT: This text presents a description of the participant observation carried out in the Ultra Groups called Alma Salgueirista, Coletivo Ultras 95, Panteras Negras and Super Dragões. After a brief introduction in which ultra groups are defined and the roots of these groups in English Hooliganism and the Ultra Italian Movement are also highlighted, the main periods of their evolution in Portugal are mentioned. This is followed by the presentation of the various stages through which the participant observation process of the investigated Ultra groups went. In each of them, the description of various situations experienced within the observed groups is privileged. Despite the emphasis given to this empirical dimension, this text also includes the reflection on the researcher's personal equation and about the role with which he presented himself in the interaction with the members of the Ultra groups, the logics in presence and the way they perceived him.

KEYWORDS: Participant-observation; Ultra Groups; Hooliganism; Ultra Movement; Football and performance.

INTRODUÇÃO

As claques dos clubes de futebol continuam a marcar forte presença nos estádios portugueses. Podem ser definidas como grupos simpatizantes “de uma determinada equipa, com nome próprio, que se concentra na mesma zona do estádio incentivando os jogadores através de cânticos próprios, bandeiras e cartazes, palmas sincronizadas, [...] etc.”¹

Mas não é pelas coreografias e pela grande militância no apoio ao clube que elas são mais noticiadas. A violência, os furtos, os roubos e os atos de vandalismo em que alguns dos seus membros se envolvem, bem como a associação a atividades criminosas, continuam a ser o principal motivo de notícia sobre as claques por parte da comunicação social. Não surpreende, portanto, que estas acabem por gerar uma perceção muito negativa acerca das claques.

Importa ter em conta que foi precisamente a violência perpetrada pelos Hooligans no contexto futebolístico inglês durante a década de 1960 que começou a suscitar o interesse das Ciências Sociais. Depois de Harrington,² foram muitos os investigadores que desenvolveram pesquisas sobre o hooliganismo. Algumas permitiram configurar importantes quadros teóricos ainda hoje pertinentes para a compreensão desta problemática. Disso são exemplos o trabalho de Taylor³ e a sua abordagem marxista; a abordagem de Clarke⁴ no âmbito das subculturas juvenis e ainda a perspetiva histórica que Elias desenvolveu acerca do Processo Civilizacional.⁵ Muito relevante é também a perspetiva configuracionista delineada pelo grupo de sociólogos da Universidade de Leicester composto por Dunning, Murphy e Williams.⁶ Por sua vez, um grupo da Universidade de Oxford composto por Marsh, Rosser e Harré⁷ evidenciou a dimensão ritual da violência que

¹ PEREIRA. *Dicionário de futebol: manual do adepto*, p. 41.

² HARRINGTON. *Soccer hooliganism*.

³ TAYLOR. ‘Football mad’: a speculative Sociology of football hooliganism, p. 352-377.

⁴ CLARK. Football and working-class fans: tradition and change, p. 37-60.

⁵ ELIAS. *A busca da excitação*.

⁶ DUNNING; MURPHY; WILLIAMS. *The roots of football hooliganism*.

⁷ MARSH; ROSSER; HARRÉ. *The rules of disorder*.

caracteriza o Hooliganismo, enquanto Kerr⁸ propôs, com a teoria da Reversão, uma abordagem motivacional da violência.

Outros autores, ao invés de elaborarem um quadro teórico de longe alcance, optaram antes por uma abordagem etnográfica e eclética do hooliganismo, recorrendo para a interpretação deste aos mais diversos conceitos de vários autores das Ciências Sociais, Enquadram-se nesta abordagem investigadores com Armstrong,⁹ Giulianotti,¹⁰ Redhead,¹¹ Robson¹² ou ainda King.¹³

A investigação sobre este fenómeno no âmbito das Ciências Sociais prosseguiu em diversos países, pois este fenómeno continua presente nos mais diversos países, parecendo, portanto, um fenómeno mundial. Sobre o debate acerca da amplitude do hooliganismo e sua influência é ainda importante continuar a ter em conta a obra *Fighting fans*,¹⁴ o trabalho do sociólogo Ramon Spaaj¹⁵ ou ainda de Brown e Majundar.¹⁶

Um dos países que recebeu a influência significativa do hooliganismo foi a Itália. Os jogos entre clubes europeus disputados no quadro das competições promovidas pela U. E. F. A. (União das Federações Europeias de Futebol) promoviam contactos entre adeptos de clubes oriundos de vários países europeus.

O conturbado contexto socio-político que se viveu em Itália no final da década de 1960 facilitou o surgimento, sob influência do hooliganismo inglês, do Movimento Ultra. Transferindo para os estádios os modelos de militância dos partidos políticos mais extremistas, este movimento esteve na base do surgimento das claques que passaram a marcar presença nos estádios de futebol e a colorir-los com as mais diversas coreografias, bandeiras, estandartes, faixas, etc. Tendo características diferentes do hooliganismo, este movimento foi responsável pela

⁸ KERR. *Understanding hooliganism*.

⁹ ARMSTRONG. *Football hooligans: knowing the score*.

¹⁰ GIULIANOTTI. Avenues of contestation: football hooligans running and rulling urban spaces, p. 211-238.

¹¹ REDHEAD. *Subcultures to subcultures: an introduction to popular cultural studies*.

¹² ROBSON. "No one likes us, we don't care": the myth and reality of millwall fandom.

¹³ KING. Outline of a practical theory of football violence, p. 635-651.

¹⁴ DUNNING; MURPHY; WADDINGTON; ASTRINAKIS. *Fighting fans*.

¹⁵ SPAAIJ. *Understanding football hooliganism: a comparison of six Western European football clubs*.

¹⁶ BROWN; MAJUNDAR. *Football fans around the world: from supporters to fanatics*.

expansão do fenómeno das claques para outros países da Europa e foi sendo investigado no âmbito das Ciências Sociais por vários autores.¹⁷

Na atualidade, o Movimento Ultra continua a marcar presença em muitos países, como bem se demonstrou na obra *The Ultras: a global football fan phenomenon*. Na verdade, os grupos Ultra constituem, como procuraram evidenciar Doidge, Kossakowski e Mintert,¹⁸ assim como Numerato,¹⁹ uma janela de observação das sociedades em que cada um deles se insere.

AS CLAQUES EM PORTUGAL

Portugal foi um dos países que recebeu a influência do Movimento Ultra. A Juve Leo foi fundada em 1978 com o intuito de apoiar o Sporting Clube de Portugal – clube da cidade de Lisboa – e foi a primeira claque enquadrada neste movimento. A década de 1980 registou um forte crescimento do número de claques e quase todos os clubes do principal campeonato português passaram a ser apoiados por elas. Foi no contexto desta expansão que se efetuaram em Portugal as primeiras investigações sociais sobre claques, levadas a cabo por Marques, Manuel e Maia,²⁰ bem como por Marivoet.²¹

No início da década de 1990 registaram-se, porém, algumas mudanças nas claques portuguesas. No que ao desempenho destas diz respeito, é certo que se verificou uma evidente melhoria no apoio aos clubes. No entanto, cresceu também o número de incidentes violentos entre membros das claques, alguns deles com bastante gravidade. Tal como Seabra²² demonstrou, o problema da violência perpetrada pelos membros das claques estava já bem presente no final da década de 1980. Mas tornou-se muito evidente perante todos quando, em jogo relativo à época de 1991/1992 disputado no Estádio do Restelo, a transmissão televisiva do mesmo

¹⁷ Pela sua relevância podemos mencionar os seguintes trabalhos: Roversi. *Calcio, tifo e violenza: il teppismo calcistico in Itália*; PODALIRI; BALESTRI. *The Ultras, racism and football culture in Italy*, p. 88-10; LAGO; BIASI. *Italian football fans: culture and organization*, p. 73-89.

¹⁸ DOIDGE; KOSSAKOWSI; MINTERT. *Ultras: the passion and performance of contemporary football fandom*.

¹⁹ NUMERATO. *Football fans, activism and social change*.

²⁰ MARQUES; MANUEL; MAIA. *O envolvimento juvenil nas claques de futebol: o caso Juve Leo*.

²¹ MARIVOET. *Violência nos espetáculos de futebol*, p. 137-153.

²² SEABRA. *Claques de futebol: o teatro das nossas realidades*.

permitiu que todo o país observasse as agressões a um funcionário do Clube de Futebol "Os Belenenses", perpetradas por elementos das claques benfiquistas quando este procurava repor os números corretos no marcador manual do resultado do jogo, entretanto alterados pelas claques benfiquistas. Tais agressões provocaram a pronta reação das claques e adeptos do clube de Belém e só a pronta intervenção policial impediu confrontos mais graves.

Muitos incidentes posteriores a este evento colocaram sempre as claques sob a atenção da comunicação social, gerando-se assim um certo alarme social em torno destes grupos. Para isso muito contribuiu, à época, a morte de um adepto do Sporting Clube de Portugal no Estádio Nacional, aquando da disputa da final da Taça de Portugal a 18 de Maio de 1996. Esta morte foi provocada por um very-light que um elemento da claque No Name Boys – apoiante do Sport Lisboa e Benfica – deflagrou. Num passado recente, a morte de Marco Ficini em Abril de 2017, alegadamente provocada por um elemento de uma claque, bem como o ataque a jogadores do Sporting Clube de Portugal levado a cabo por alguns membros da claque Juve Leo no 15 de Maio de 2018, acentuaram o alarme social em torno das claques e a perceção muito negativa que a generalidade da população tem acerca destes grupos.

É por este tipo de incidentes violentos que a investigação efetuada sobre as claques portuenses continua a suscitar muita perplexidade naqueles que dela tomam conhecimento. Face ao que lhes é dado a conhecer acerca das claques, muitos interrogam o autor da mesma acerca dos perigos que terá corrido no seio das claques portuenses. Não deixam também de manifestar curiosidade acerca da forma como o investigador se integrou nos grupos para os estudar. Perguntas como “nunca teve problemas?”; “nunca foi agredido?” “não teve medo?”; “como é que conseguiu entrar?” “esteve no meio deles?” são ilustrativas das abordagens com que o investigador se tem deparado desde que iniciou a sua investigação sobre as claques portuenses, sendo as mesmas colocadas até em contexto académico.

A OBSERVAÇÃO-PARTICIPANTE NAS CLAQUES PORTUENSES

O presente texto visa, precisamente, dar a conhecer a forma como a observação-participante foi implementada numa investigação levada a cabo nas claques Alma Salgueirista, Coletivo Ultras 95, Panteras Negras e Super Dragões.

O trabalho de campo que suportou esta investigação iniciou-se em 2003 e ficou concluído no ano de 2009. O seu planeamento e as técnicas de investigação que foram aplicadas foram, portanto, suportadas pelas considerações de autores que, à época, foram tidos como mais relevantes para a pesquisa a encetar.

Obviamente que esta teve também em conta o contexto futebolístico e a realidade vivida pelos grupos estudados. Durante os anos que esta investigação decorreu, os Super Dragões e o Coletivo Ultras 95, claques apoiantes do Futebol Clube do Porto, viveram uma época áurea do clube, com este a vencer a Taça UEFA em Maio de 2003, a Liga dos Campeões em Maio de 2004 e a Taça Intercontinental em Dezembro do mesmo ano. Durante o período de trabalho de campo o clube ganhou ainda 5 campeonatos de Portugal, 3 Taças de Portugal e 4 Super Taças. Não surpreende que as duas claques tenham atravessado uma fase de expansão, patente não apenas no aumento do número de membros, mas também na qualidade das coreografias apresentadas nos estádios em apoio ao clube.

Por sua vez, a claque Panteras Negras, apoiante do Boavista Futebol Clube, mantinha ainda um grande número de membros e a forte dedicação, mobilização e empenho no apoio ao clube que tinha na época 2000/01, quando este se sagrou campeão nacional. As três participações na Liga dos Campeões e a disputa da meia-final da Taça UEFA fizeram desta década a melhor da história do clube.

Ao invés, o tempo de trabalho de campo na claque Alma Salgueirista, apoiante do Sport Comércio e Salgueiros, coincidiu com a decadência do clube. Depois de descer à segunda divisão, o clube perdeu o seu estádio e as suas dívidas conduziram a uma descida administrativa aos campeonatos não profissionais. Apesar disso, a Alma Salgueirista manteve o seu empenho e atividade em prol do apoio ao clube.

Foi, pois, este o contexto futebolístico encontrado aquando do início da investigação e foi nele que se planeou e executou a investigação. Por conseguinte, o presente texto – reitere-se – tem como objetivo dar a conhecer a forma como foi

implementada a observação-participante nestas quatro claques, no tempo e no contexto em que a investigação foi efetuada.

Há, portanto, uma clara consciência da noção de “presente etnográfico” que Cabral considera.²³ Na verdade, há um “período de tempo que decorre entre a publicação da investigação etnográfica e o trabalho de campo”.²⁴ Mas importa sublinhar que este lapso de tempo “é significativamente diferente quando a investigação é levada a cabo perto de casa”.²⁵ Quando assim é, o antropólogo pode ficar “em contacto com a sociedade que estuda”²⁶ e por isso “pode voltar ao campo para uma curta visita, durante a qual recolhe mais informação”.²⁷

E assim se verificou nestas quatro claques. O acompanhamento posterior destes grupo permitiu compreender, não apenas a evolução destes, mas sobretudo as transformações que decorreram nas claques portuguesas em consequência de novas leis (Lei n. 39/2009; Lei n. 52/2013; Lei n. 113/2019) que condicionaram o comportamento e a organização das claques, com alguns dos seus membros a derivarem por o estilo *Casual*.²⁸

Não surpreenderia assim que uma investigação a iniciar agora sobre as claques portuenses apelasse a um novo plano e estratégia de implementação da observação-participante. É por este motivo que o autor do presente texto investiga atualmente o estilo *Casual* em Portugal recorrendo, para tal, a procedimentos metodológicos diferentes daqueles que aqui são descritos. Mas importa sublinhar que tal não desvaloriza a pertinência e a aprendizagem que nos poderá dar o conhecimento da forma como foi implementada, no seu tempo e contexto, a observação-participante nas claques Alma Salgueirista, Coletivo Ultras 95, Panteras Negras, Super Dragões. Importa destacar que se pretende, sobretudo, que este texto possa constituir um contributo para reflexão por parte daqueles que pretendam levar a cabo investigações que tomem como objeto do estudo as claques de futebol.

²³ CABRAL. *Os contextos da Antropologia*.

²⁴ CABRAL. *Os contextos da Antropologia*, p. 61.

²⁵ CABRAL. *Os contextos da Antropologia*, p. 62.

²⁶ CABRAL. *Os contextos da Antropologia*, p. 62.

²⁷ CABRAL. *Os contextos da Antropologia*, p. 62

²⁸ Transformações que, obviamente, não estão no âmbito do presente texto e, por isso mesmo, as suas causas, consequências e dinâmicas não serão aqui analisadas.

O recurso à observação-participante implica um processo de entrada, adaptação e integração nestes grupos que é fundamental conhecer. Importa alertar que não será apresentado todo o trabalho de campo efetuado com as claques portuenses, pois este contemplou a administração de inquéritos por questionário, assim como a realização de entrevistas e narrativas autobiográficas.

O presente texto centra-se apenas no processo de observação-participante levada a cabo, sendo esta entendida como um instrumento a que se recorre no sentido de atingir os objetivos da investigação ou responder às questões que lhe dão causa. A observação-participante deve, por isso, ajustar-se às múltiplas interações entre quem investiga e aqueles que pertencem ao grupo investigado. Não resulta, portanto, apenas de opções apriorísticas, ainda que estas tenham tido sucesso noutros contextos.

Reitera-se assim que a intenção deste texto não é apresentar uma abordagem de cariz teórico, mas sim descritiva do processo de observação-participante levado a cabo na investigação das claques aludidas, para que esta possa suscitar reflexão e debate. Na verdade, e tal como Malinowski considerou,²⁹ a forma como um antropólogo enfrenta as adversidades pode até ser mais esclarecedor do que uma discussão abstrata.

A observação-participante é uma técnica que "consiste na participação real do observador na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto e na perspetiva de Gil,³⁰ o papel de membro do grupo. Pela observação-participante o investigador estabelece um contato direto com a população que pretende estudar, adotando, na medida das suas possibilidades e como considerou Dortier,³¹ um estilo de vida idêntico aos indivíduos que compõe o grupo ou comunidade estudada

Considerando um espetáculo de futebol, importa ter em conta que este é, como destacou Bromberger,³² um "objeto" de estudo complexo, por se tratar de um espaço de grande riqueza social e simbólica onde ocorrem os mais diversos

²⁹ MALINOWSKI. *Los argonautas del Pacífico Occidental*, p. 22.

³⁰ GIL. *Métodos e técnicas de pesquisa social*, p. 107-108.

³¹ DORTIER. *Dicionário das Ciências Humanas*, p. 516.

³² BROMBERGER. *Le match de football: ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*, p. 13-14.

comportamentos que possibilitam múltiplas dimensões de investigação. Requer, por isso, uma observação aprofundada, sabendo-se que é esta que se deve adaptar ao fenómeno a estudar e aos objetivos do estudo.

Por permitir um contacto direto com as claques, a observação-participante foi a melhor forma de atingir o objetivo geral de apresentar um quadro interpretativo global das claques portuenses. Foi também o melhor caminho para aceder a informações relevantes para que alguns objetivos mais específicos desta investigação pudessem também ser atingidos. A observação-participante permitiu descrever o desempenho das claques e os valores que estas promovem. Ela permitiu conhecer as estruturas diretivas e lideranças destes grupos, bem como as mais várias atividades que desenvolvem. Importa ainda destacar que o recurso a esta técnica foi um contributo fundamental para integração nestes grupos. Por conseguinte, serão as várias etapas do processo pelo qual a observação-participante foi implementada que estruturam o presente texto.

A PRÉ-ENTRADA

Este foi o nome que Portela³³ atribuiu à primeira fase do processo de observação-participante que encetou e sobre o qual refletiu posteriormente.³⁴ No caso concreto da pesquisa sobre as claques portuenses, esta fase teve também bastante importância, uma vez que foi nela que se procedeu à preparação da entrada nas claques. O primeiro passo nesta preparação foi a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre a temática em estudo. Esta contribuiu para a clarificação dos objetivos e da informação pertinente a recolher.

Sendo a acessibilidade, mencionada por Bernard,³⁵ um dos critérios a considerar na escolha dos grupos a estudar, foi levado em conta que o investigador,

³³ PORTELA. Observação-participante (Reflexões sobre uma experiência), p. 157-177.

³⁴ Como se constatará, a reflexão sobre a forma como a observação-participante foi efetuada no seio

das claques, bem como o presente texto que da mesma decorreu, contemplou, para além da pré-entrada, a fase de identificação, a fase de adaptação e a fase de integração, também estas estabelecidas por Portela no seu texto sobre observação-participante que aqui é mencionado.

³⁵ BERNARD. *Research methods in Anthropology: qualitative and quantitative approaches*, p. 143.

residindo num concelho contíguo àquele em que estão sediados os clubes apoiados pelas claques portuenses, teria de despende menos recursos – sempre limitados – para levar a bom termo a pesquisa. Foi também por isso que nesta fase foram avaliados os recursos temporais e financeiros disponíveis, sendo a partir destes que se tomou a decisão quanto à amplitude da investigação.

A esta também não foi estranha a intenção de que as claques investigadas contribuíssem para um melhor conhecimento, não só de algumas zonas habitacionais da cidade do Porto, mas também sobre as representações sociais perfilhadas sobre o bairrismo e regionalismo em torno desta cidade, bem como acerca da cidade de Lisboa.

A equação pessoal em torno do investigador foi também contemplada nesta fase. A observação-participante não ocorre numa simplista dualidade sujeito investigador/objeto de estudo, mas sim numa complexa relação entre sujeito investigador/sujeitos investigados. Na verdade, e como referiu Moreira, "dada a própria natureza da investigação, o investigador é um elemento decisivo no investigado, é parte intrínseca do processo".³⁶ Lewis lembrou mesmo que nas situações em que o ser humano é o único instrumento de observação, a personalidade do observador pode facilmente prejudicar as intenções de objetividade.³⁷ Este autor considerou mesmo como "provavelmente inevitável"³⁸ a influência do investigador na interpretação final dos dados recolhidos pela investigação. Impõe-se, por isso mesmo, e como defende Moreira,³⁹ uma reflexão por parte do investigador; no sentido de ter consciência dos valores pessoais, das suas atitudes e até das relações de amizade que possa ter com os membros da população a estudar e que poderão influenciar o processo de investigação e mesmo os resultados.

No âmbito do estudo do hooliganismo, esta equação pessoal também foi feita por Armstrong⁴⁰ aquando da sua investigação sobre os Blades – hooligans do Sheffield United – também levada a cabo com o recurso à observação-participante.

³⁶ MOREIRA. *Planeamento e estratégias da investigação social*, p. 107.

³⁷ LEWIS. *Controls and Experiments in Field Work*, p. 452-475.

³⁸ LEWIS. *Controls and Experiments in Field Work*, p. 457.

³⁹ MOREIRA. *Planeamento e estratégias da investigação social*, p. 106-109.

⁴⁰ ARMSTRONG. *Football hooligans*.

Este investigador destacou a sua condição de adepto do Sheffield United como elemento que lhe conferiu a "competência cultural"⁴¹ para levar a cabo a sua observação-participante no seio dos Blades.

Na pesquisa sobre as claques portuenses, o gosto do investigador pelo futebol não deixou de constituir um valor a ter em conta. A frequência regular dos estádios desde os 14 anos de idade, à semelhança do que se verificou com Armstrong, conferiu ao investigador a "competência cultural", apreendida, como referiu Bourdieu,⁴² mediante a natureza dos bens consumidos e a maneira como foram consumidos, para conhecer e saber estar no ambiente de um estádio de futebol.

A presença regular nestes recintos desportivos conferiu também a oportunidade de observar, à distância, o desempenho das claques. Esta experiência foi útil. Para além de ter evitado uma eventual sensação de choque que Bernard⁴³ considera poder ocorrer quando um antropólogo entra em contacto pela primeira vez com a comunidade que pretende estudar, ela contribuiu também para que o processo de adaptação e integração nas claques portuenses fosse mais rápido. Todavia, e à semelhança do que Armstrong⁴⁴ também referiu, esta familiaridade com o ambiente dos estádios e com as manifestações das claques nos mesmos não evitou alguma surpresa do investigador aquando das primeiras vezes que assistiu a jogos no seio destas perante a intensidade do seu desempenho no apoio às equipas.

Retomando a equação pessoal, sublinhe-se que foi também relevante a condição de portuense do investigador, uma vez que esta permitiu reconhecer o tipo de representações sociais dos membros das claques acerca da cidade do Porto, bem como as múltiplas referências a várias dimensões desta urbe. Por sua vez, a condição de adepto do Futebol Clube do Porto é outro valor que é fundamental dar a conhecer. Como se explicará posteriormente, esta condição foi facilitadora da adaptação e integração nas claques apoiantes deste clube, mas exigiu alguns cuidados no seio das claques Alma Salgueirista e Panteras Negras.

⁴¹ ARMSTRONG. *Football hooligans*, p. xii.

⁴² BOURDIEU. *La distinción: critério y bases sociales del gusto*, p. 10-11.

⁴³ BERNARD. *Research methods in Anthropology*, p. 159-160.

⁴⁴ ARMSTRONG. *Football hooligans*, p. xiii.

Ainda no que à equação pessoal diz respeito, reconhece-se que o investigador, enquanto espectador de futebol nos estádios, acompanhou o surgimento das claques em Portugal e aprecia as coreografias e a cor que estas conferem aos estádios. Admira também a dedicação e a militância com que os seus membros apoiam o clube, mas considera não serem aceitáveis os atos de violência, vandalismo, furtos ou roubos. No entanto, e apesar desta posição de cidadão face a tais atos, foi seguida a atitude que Armstrong⁴⁵ adotou perante os Blades. Por conseguinte, e face às claques portuenses, não houve, da parte do investigador, uma atitude moralista. Não se procurou um olhar interventivo. Procurou-se antes investigar, compreender e interpretar, sem que tal signifique aceitar e julgar. À semelhança do que ocorreu com Armstrong⁴⁶ na sua investigação, os valores pessoais submergiram face ao pragmatismo que a observação-participante pede, para que assim possam ser cumpridos os objetivos da pesquisa.

Esta reflexão não pode estar alheia à problemática do desencontro de lógicas a que Iturra aludiu. Na verdade, o investigador "transporta consigo uma maneira de ver o social derivada da sua prática histórica e que pode resumir-se na designação de lógica da racionalidade individual".⁴⁷ Por sua vez, os grupos estudados podem estar sistematizados numa lógica diferente que é aquela que importa conhecer através da pesquisa e o motivo desta. Como referiu Iturra,⁴⁸ a observação-participante, nas suas diversas etapas, visa, precisamente, recolher informação que permite conhecer e contextualizar o comportamento dos grupos investigados.

A IDENTIFICAÇÃO

A posição pessoal aqui enunciada sobre o desempenho das claques, para além de constituir fator de motivação para encetar a pesquisa, também facilitou a entrada, a adaptação e a integração nas claques estudadas, bem como a observação-participante realizada. Estas são etapas de um longo processo que consiste, como

⁴⁵ ARMSTRONG. *Football hooligans*, p. xii.

⁴⁶ ARMSTRONG. *Football hooligans*, p. xii.

⁴⁷ ITURRA. Trabalho de campo e observação em Antropologia, p. 153.

⁴⁸ ITURRA. Trabalho de campo e observação em Antropologia, p. 152.

referiu Dortier,⁴⁹ "em mergulhar numa realidade outra". Mas tal só é possível, como reconhece também este autor,⁵⁰ com uma longa presença nos grupos ou comunidades estudadas.

Para esta investigação sobre as claques portuenses, a observação-participante intensiva e regular iniciou-se na época futebolística de 2002/03 e prolongou-se até à época de 2005/06. Foram posteriormente realizadas mais algumas observações complementares, tendo as mesmas sido direcionadas para temas muito específicos que era necessário esclarecer. Importa ter em conta, como lembrou Burgess,⁵¹ que as "atividades que ocorrem numa organização social podem variar de acordo com o tempo, tendo a organização social o seu próprio ritmo. A dimensão temporal está sempre presente em todas as situações de trabalho de terreno". Também Peretz destacou que "a observação visa conhecer o funcionamento normal de um meio social no decorrer de um longo prazo".⁵² Este autor lembrou também que "o observador será testemunha das variações quotidianas ou sazonais, das práticas rotineiras ou excepcionais, dos tempos mortos e dos tempos de urgência".⁵³ Sobre o tempo de observação, considerou ainda o seguinte:

Ao contrário das outras actividades que recolhem testemunhos de forma sintética, após o desenrolar dos acontecimentos, a observação segue a par e passo os actos prestes a acontecer e é capaz de dar conta das etapas que marcam as actividades sociais. [...] O investigador gasta o tempo necessário à obtenção do conhecimento das pessoas observadas, depois permanece no meio delas o tempo suficiente para conhecer a diversidade de situações que se lhe podem deparar num período longo.⁵⁴

Ora uma época futebolística configura, com os seus diferentes períodos e competições, um ciclo durante o qual as claques desenvolvem as suas diversas actividades, sendo estas muito condicionadas pelo tipo de jogos e pelos sucessos ou insucessos do clube apoiado. Foi, pois, num tempo longo de quatro destas épocas que a observação-participante se realizou, beneficiando esta, como se referirá, de

⁴⁹ DORTIER. *Dicionário das Ciências Humanas*, p. 516.

⁵⁰ DORTIER. *Dicionário das Ciências Humanas*, p. 516.

⁵¹ BURGUESS. *A pesquisa de terreno*, p. 66.

⁵² PERETZ. *Métodos em Sociologia*, p. 41.

⁵³ PERETZ. *Métodos em Sociologia*, p. 41.

⁵⁴ PERETZ. *Métodos em Sociologia*, p. 41-42.

uma investigação anterior acerca dos Super Dragões. Considerando que a época futebolística poderá corresponder ao ano de observação-participante tomado por Bernard⁵⁵ como um tempo de pesquisa que já pode possibilitar o acesso à informação sensível do grupo ou comunidade, verifica-se que as quatro épocas futebolísticas ultrapassaram largamente esse tempo de referência básico para a pesquisa antropológica e permitiram mesmo, confirmando a possibilidade aludida por este autor, registar e evolução e importantes mudanças nos grupos estudados.

A ENTRADA E O PAPEL DO INVESTIGADOR

O primeiro contacto estabelecido com as claques a pesquisar foi feito com um dos seus líderes. Ao contrário do que se verificou com Giulianotti⁵⁶ quando iniciou a sua pesquisa sobre os *Casuals* do Aberdeen Football Club, o investigador não tinha qualquer ajuda resultante de prévias relações de amizade com qualquer membro das claques Alma Salgueirista, e Super Dragões. O investigador não beneficiou, por isso, de qualquer contacto privilegiado que pudesse facilitar a sua apresentação e integração nestas duas claques. Para a entrada na Coletivo Ultras 95 foi possível beneficiar de contactos anteriores, uma vez que alguns dos seus líderes eram dissidentes dos Super Dragões, tendo sido precisamente nesta claque que conheceram o investigador. Para o acesso à claque Panteras Negras foi válido o conselho de Bernard⁵⁷ sobre a utilidade dos contactos pessoais para a entrada no grupo que se pretende investigar. Um ex-colega de trabalho proporcionou os primeiros contactos com os líderes da claque boavisteira e a proximidade da família do Presidente do clube não deixou de facilitar o acesso a convites para os primeiros jogos de observação no estádio do Bessa.

A designada "entrada pelo topo", também mencionada por Bernard e revelou-se muito importante.⁵⁸ Foi, pois, perante os líderes das claques portuenses que o investigador se assumiu como estudante, afirmando que pretendia efetuar

⁵⁵ BERNARD. *Research methods in Anthropology*, p. 139-140.

⁵⁶ GIULIANOTTI. Participant observation and research into football hooliganism: reflections on the problems of entrée and everyday risks, p. 6.

⁵⁷ BERNARD. *Research methods in Anthropology: qualitative and quantitative approaches*, p. 43.

⁵⁸ BERNARD. *Research methods in Anthropology*, p. 143.

um trabalho de investigação para a universidade, sendo o mesmo conducente à obtenção do grau de doutoramento. Considerando a suspeição que sempre pairou sobre as claques e que decorre do comportamento violento de alguns dos seus membros, era fundamental que a apresentação fosse clara e inequívoca. Foi esta a definição de situação procurada pelo investigador, esperando também que este fosse, tomando o conceito de Goffman,⁵⁹ o consenso operacional para a interação a estabelecer com os membros das claques.

Na verdade, e como referiu Bernard,⁶⁰ o papel com que o investigador se apresenta é fulcral para a relação que se estabelece entre o observador e os sujeitos observados. Sobral realçou mesmo ser "necessária uma auto-apresentação quando se chega a um local",⁶¹ até porque, como referiu Burgess, "os investigadores podem alterar o comportamento do grupo em que entram" em função do papel com que se apresentam e deste podem decorrer também limitações.⁶²

No caso concreto das claques portuenses, e apesar da presença do investigador e do papel com que se apresentou não alterar o desempenho coletivo do grupo, é certo que este teve influência no tipo de informação recolhida, na disponibilidade dos membros das claques para as transmitirem, bem como na adaptação e inserção em cada uma das claques estudadas. Importa, pois, analisar a influência que o já mencionado papel com que o investigador se apresentou aos líderes de cada grupo influenciou a interação com os seus membros.

O papel de estudante que pretende fazer um trabalho para a universidade, assumido aquando da primeira investigação sobre os Super Dragões perante os líderes deste grupo, não levantou dificuldades significativas. Suscitou até a boa vontade destes, pois, para além de responderem às perguntas colocadas e mostrarem total disponibilidade para contactos, insistiam mesmo em tentar explicar todas as atividades da claque. Este papel foi igualmente muito bem compreendido por parte dos líderes da claque Coletivo Ultras 95. Tal como foi já referido, estes tinham sido membros da claque Super Dragões e conheciam, por

⁵⁹ GOFFMAN. *A apresentação do eu na vida de todos os dias*, p. 21.

⁶⁰ BERNARD. *Research methods in Anthropology*, p. 138-139.

⁶¹ SOBRAL. *Trajetos: o presente e o passado na vida de uma freguesia da Beira*, p. 378.

⁶² BURGUESS. *A pesquisa de terreno*, p. 88.

isso mesmo, o trabalho desenvolvido no seio desta pelo investigador e entenderam a nova investigação como o percurso natural conducente ao doutoramento. A entrada e inserção nesta claque foi, também por isso, mais fácil.

Na claque Panteras Negras o entendimento geral do papel do investigador não foi o desejado. O investigador foi entendido como sendo um jornalista e alguns perguntaram mesmo que tipo de reportagem se pretendia efetuar e em que órgão de comunicação social a mesma seria apresentada. Para esta perceção do papel do investigador muito contribuiu um dos membros do grupo que, apesar de não pertencer à direção da claque, assumia alguma notoriedade na sequência do seu envolvimento em situações de violência e furtos. A abordagem que este elemento da claque fazia do investigador, designando-o como "jornalista", contribuiu para que outros elementos do grupo o percecionassem como tal.

Este papel de jornalista poderia ter sido bastante prejudicial para a investigação. Estes profissionais estão sujeitos hostilidade por parte dos membros das claques, pois estes entendem que as notícias acerca destes grupos são quase exclusivamente sobre violência, vandalismo, furtos e roubos e não sobre as dimensões positivas das claques de futebol. Face a um jornalista, os elementos das claques não deixam também de adequar o discurso. Surgiram então declarações e reclamações orientadas para o tratamento noticioso das claques que não responderiam aos objetivos da investigação. Ao investigador coube então persistir na negação de tal papel, reiterando os seus objetivos num processo de interação e afirmação diante dos elementos desta claque boavisteira. Para tal contribuíram também, não só os líderes da claque, o ex-colega de trabalho que já conhecia bem o investigador, mas também algumas intervenções deste na comunicação social que o colocaram no seu verdadeiro papel aos olhos dos membros da claque.

Mas estas declarações públicas na comunicação social foram responsáveis pelas dificuldades de inserção na claque Alma Salgueirista. O primeiro contacto com este grupo no sentido de iniciar a pesquisa foi feito perante o seu presidente. No primeiro jogo em que integrou esta claque, o investigador foi informado pelo presidente da Alma Salgueirista que já tinha dado a conhecer ao grupo a razão da presença do investigador. Apesar disso, as dificuldades de contacto com os membros desta claque eram notórias. As conversas estabeleciam-se quase só com o presidente

da Alma Salguerista e os poucos diálogos com os membros da claque eram curtos e parcos em palavras. O investigador era tratado por um respeitoso, mas distante, "você".

Uma curta viagem para ver um jogo em que o Sport Comércio e Salgueiros visitou o Sporting Clube de Espinho possibilitou uma mudança de atitude por parte dos membros da claque. Enquanto o presidente desta relatava ao investigador algumas situações vividas pelo grupo, outro elemento tratou de interromper a conversa e dar a sua versão dos factos, sendo esta bem menos positiva quando comparada com aquela que o líder do grupo apresentava. Ficou patente, por parte do presidente da claque, a tentativa de transmitir uma idealização positiva da mesma, tendo então sido contraditado por alguns membros do grupo, pois alguns deles acabaram por participar na conversa e o diálogo entre todos fluiu livremente até ao final do jogo.

Este jogo marcou uma viragem na interação com a claque. A partir do mesmo os diálogos com os membros da Alma Salgueirista foram possíveis em todos os jogos. Mais tarde foi revelada a razão do distanciamento inicial. No intervalo de um jogo, um elemento da claque confessou que tinha sido comunicado ao grupo o percurso do investigador na pesquisa de claques, bem como as suas intervenções públicas na comunicação social. Sobre a formação académica, tinham sido informados que estariam perante um psicólogo. Foi esta, precisamente, a principal razão para a ausência de diálogo inicial, justificada assim por este elemento: "és doutor sabes como é... um gajo... aqui é uma cambada de burros." Estas palavras denotam a posição do grupo em relação ao investigador tido como de "saber superior",⁶³ algo que já Cabral⁶⁴ tinha identificado sobre o desenvolvimento do trabalho de campo.

Face ao exposto, torna-se evidente a importância que neste contexto assumiu a identificação e a apresentação do investigador, pois o papel com que se apresenta, bem como a perceção que os outros têm dele, pode condicionar o processo de adaptação e integração no contexto social que pretende estudar, bem

⁶³ SOBRAL. *Trajetos*, p. 378.

⁶⁴ CABRAL. Notas críticas sobre a observação-participante no contexto da etnografia portuguesa, p. 333-334.

como a informação recolhida. Sobre o papel do investigador importa ainda reconhecer que se tem como certo que este terá sido entendido de forma diferente pelos mais diversos membros das claques portuenses. Como sublinhou Burgess,⁶⁵ e atendendo à complexidade presente numa situação de pesquisa, "o investigador pode ser visto de modos diferentes por diferentes membros da mesma instituição."

A assunção de um papel é, portanto, parte integrante e fulcral do processo de entrada e identificação. Considerando ainda este processo, e tendo em conta a condição de adepto do Futebol Clube do Porto já aludida anteriormente, importa agora realçar que a mesma tornou menos problemática a entrada, a identificação e a adaptação à claque Super Dragões. Para além disso, e tal como já foi referido, todo este processo beneficiou muito da integração neste grupo aquando da realização de uma pesquisa anterior. Recuando a esta, importa recordar que quando a mesma se iniciou, foi evidente para os membros do grupo a presença de um estranho que "estava sempre a fazer perguntas," como alguns membros do grupo diziam entre si.

A entrada na claque Panteras Negras não poderia beneficiar da condição de adepto do clube por parte do investigador e decorreu com maior dificuldade, apesar da grande abertura e disponibilidade para ajudar que a direção do grupo sempre manifestou e cumpriu desde o primeiro jogo a que o investigador assistiu no seio do grupo. Minutos antes deste, o autor deste texto foi recebido à porta do estádio pelo presidente da claque e dois membros da direção. Apesar de ser olhado por parte dos membros do grupo com uma estranheza semelhante à verificada aquando do primeiro contacto com a claque Super Dragões, as primeiras conversas iniciaram-se rapidamente, sendo as mesmas acompanhadas pelo presidente da claque que procurava explicar a razão pela qual estava no grupo uma pessoa desconhecida.

Refira-se, por fim, e tal como recomenda Burgess⁶⁶ que o sexo e a idade, são também elementos que devem ser levados em conta. À semelhança do que ocorreu com Giullianoti,⁶⁷ foram aspetos que também favoreceram a inserção nas claques,

⁶⁵ BURGUESS. *A pesquisa de terreno*, p. 95.

⁶⁶ BURGUESS. *A pesquisa de terreno*, p. 97-98.

⁶⁷ GIULIANOTTI. Participant observation and research into football hooliganism, p. 17.

uma vez que estas são um universo claramente masculino, com idades jovens, sem que a idade um pouco mais velha do investigador, relativamente à média de idades dos elementos dos grupos, estabelecesse uma diferença significativa passível de dificultar as interações com eles.

A ADAPTAÇÃO

Esta é a terceira etapa considerada por Portela⁶⁸ no trabalho de campo e visa considerar a forma como o investigador se adaptou às claques estudadas e a forma como levou a cabo, no seio das mesmas, a observação-participante. Ocupar um lugar no sector dos estádios onde se posicionam as claques portuenses e observar as atividades destas foi, pois, a primeira forma de obter informação sobre estes grupos sem que os mesmos considerassem a ação do investigador.

Importa agora refletir sobre a possibilidade de levar a cabo uma observação dissimulada entre as claques portuenses. Na verdade, bastaria que o investigador se integrasse nelas, como se de um novo membro se tratasse. Mas este tipo de observação, considerada por Flick⁶⁹ como discutível e criticável no plano ético, poderia comprometer seriamente a obtenção dos resultados, uma vez que o investigador teria sempre de divulgar a sua identidade e a razão da sua presença no grupo quando solicitasse a realização de entrevistas e inquéritos por questionários necessários ao cumprimento dos objetivos da investigação. Para além disso, sabia-se já que alguns membros das diferentes claques portuenses investigadas mantêm no quotidiano relações de vizinhança e amizade, pelo que não deixaria de causar perplexidade que um mesmo adepto integrasse claques apoiantes de clubes diferentes. A recusa deste tipo de observação resulta também de um inequívoco "sim" como resposta à seguinte questão de Moreira: "Devem os investigadores ser totalmente francos com todas as partes envolvidas no seu projeto de estudo?".⁷⁰ Mas se é certo que nunca se recorreu à observação dissimulada, é também verdade que nem todos os membros das claques portuenses (mais de um milhar) podiam

⁶⁸ PORTELA. Observação-participante, p. 157-177.

⁶⁹ FLICK. *Métodos qualitativos na investigação científica*, p. 138.

⁷⁰ MOREIRA. *Planeamento e estratégias da investigação social*, p. 66.

conhecer inicialmente o objetivo da presença do investigador no grupo. Por conseguinte, não era possível obter, à partida, o consentimento informado por parte de todos os membros das claques portuenses. Todavia, a generalidade dos membros dos grupos foi sabendo a razão pela qual alguém estava a inserir-se no grupo. Para além disso, importa ter em conta que o desempenho das claques portuenses ocorre sobretudo nos estádios de futebol, onde são públicos os comportamentos dos seus membros.

A opção foi, pois, muito clara. Inicialmente o lugar escolhido foi no meio do grupo, mas nas filas da bancada mais superiores. Estar no meio do grupo permitiu ouvir as conversas e o posicionamento nas filas superiores facilitou uma observação geral das atividades do grupo. Foi, pois, a partir desta posição que se iniciou a observação-participante. Foi então possível ver as claques a colocar as suas faixas antes do jogo e a retirá-las no fim do mesmo, a preparar e a utilizar todo o material que as mesmas empregam nas suas coreografias e ainda observar todas as atividades de apoio, ouvir os cânticos entoados e que foram sendo aprendidos.

A observação-participante é, para Gil,⁷¹ uma "técnica pela qual se chega ao conhecimento de um grupo a partir do interior do mesmo." O recurso à mesma permite ainda, segundo este autor⁷² a entrada e a participação real no grupo que se pretende investigar; aproximando assim o investigador, até certo ponto, da condição de membro deste. A observação-participante permite ao investigador, como refere Dortier, "viver em contacto directo com uma população [...] e em participar nas suas actividades, em levar tanto quanto possível a mesma vida que os membros do grupo".⁷³

Mas esta técnica confere outras oportunidades. Permite ainda, no ponto de vista de Gil, "captar as palavras de esclarecimento que acompanham o comportamento dos observados".⁷⁴ Por conseguinte, a presença nestes grupos possibilitou, como já se referiu, ouvir as mais variadas conversas entre os seus membros, muitas vezes num relevante contexto emotivo. Importa sublinhar que esta é, muito provavelmente, a melhor forma de aceder e registar um discurso interno só

⁷¹ GIL. *Métodos e técnicas de pesquisa social*, p. 108.

⁷² GIL. *Métodos e técnicas de pesquisa social*, p. 108.

⁷³ DORTIER. *Dicionário das Ciências Humanas*, p. 515.

⁷⁴ GIL. *Métodos e técnicas de pesquisa social*, p. 108.

desta forma revelado. Este é, por vezes, constituído pelos mais variados segredos em torno do grupo e das diversas interações que este estabelece, sejam eles, de acordo com a conceptualização de Goffman,⁷⁵ estratégicos, internos e mesmo inconfessáveis. Há, porém, a consciência de que muitos segredos ficaram por conhecer.

A informação obtida através deste tipo de discurso foi bastante importante para a pesquisa, pois, como referiu Peretz,⁷⁶ a observação-participante "não se limita aos dados visíveis e aos actos. [...] Recolhe as palavras utilizadas pelos indivíduos observados a fim de caracterizar as pessoas, as situações e os objetos com as quais estão relacionadas." Estas "conversas de terreno"⁷⁷ são também muito importantes como primeira referência para o investigador, pois é a partir desta informação que se começa a construir o conhecimento acerca do grupo. Todavia, ao longo do tempo o investigador confronta o que é dito pelos elementos que pertencem ao grupo investigado com aquilo que estes fazem, perscrutando assim, como considerou Iturra,⁷⁸ as lógicas do fazer e do dizer e eventuais contradições das mesmas. Tal foi evidente quando alguns elementos das claques pesquisadas negavam a participação em atos de violência, roubos e vandalismo, apesar de terem sido observados pelo investigador a praticá-los.

O recurso à observação-participante nesta investigação teve ainda outra vantagem. Ao tentar ser como um membro das claques a pesquisar, o investigador tende a estar na mesma posição dos elementos do grupo e tem, segundo Flick,⁷⁹ melhores condições para se adaptar e integrar nele. Esta aproximação permitiu confirmar o que referiu Bernard⁸⁰ quanto à possibilidade da observação-participante reduzir a reatividade dos grupos estudados à presença dos investigadores. Foi precisamente isso que se verificou nas claques portuenses. Com o decurso da pesquisa, a presença do investigador foi deixando de provocar estranheza e as conversas com os elementos do grupo tornaram-se frequentes e naturais.

⁷⁵ GOFFMAN. *A apresentação do eu na vida de todos os dias*, p. 169-172.

⁷⁶ PERETZ. *Métodos em Sociologia*, p. 36.

⁷⁷ PERETZ. *Métodos em Sociologia*, p. 36.

⁷⁸ ITURRA. Trabalho de campo e observação em Antropologia, p. 155.

⁷⁹ FLICK. *Métodos qualitativos na investigação científica*, p. 144.

⁸⁰ BERNARD. *Research methods in Anthropology*, p. 141.

Mas o recurso à observação-participante não é simples nem linear. Exige uma estratégia e a consciência do paradoxo que à mesma está inerente. A investigação sobre as claques portuenses foi, por isso, planeada em função de uma estratégia que procurou concretizar os objetivos da pesquisa e que teve também em conta a dualidade observação/participação. Se na fase inicial da investigação privilegiou-se a observação da generalidade das atividades das claques e seus membros nos estádios, os cânticos entoados, os diversos materiais usados no apoio ao clube e os signos linguísticos e não linguísticos por eles suportados, numa fase posterior a observação contemplou também as atividades das claques e ainda aquelas que eram levadas a cabo pelos seus membros nas sedes destes grupos e nos espaços circundantes aos estádios de futebol, decorrendo estas nos períodos que precedem os jogos e após estes. Na sequência deste processo foi então possível iniciar outra fase da observação-participante.

A INTEGRAÇÃO

Ao longo da presença no grupo em diversos jogos, o investigador recebeu a confiança dos líderes do grupo para permanecer mais tempo nas sedes das claques e a frequência e duração dos diálogos estabelecidos com os membros destes grupos e seus líderes foram maiores. Com o decurso da observação-participante foram desenvolvidas relações sociais com a generalidade dos membros das claques portuenses e a estranheza anteriormente aludida face ao investigador foi desaparecendo, pois este tornou-se um rosto familiar ao longo dos jogos.

Mas para que tal fosse possível foi necessário ter em conta alguns aspetos que poderão parecer menos importantes, mas para os quais Burgess⁸¹ chamou à atenção. Uma delas foi o vocabulário usado nestes grupos. O Movimento Ultra, nos quais as claques portuenses se inserem, emergiu no contexto italiano e do mesmo emergiu uma gíria que foi necessário aprender e falar. Esta gíria, o calão e o português mais vernáculo passou a fazer parte do vocabulário do investigador durante o período em que levava a cabo a observação-participante. Outro aspeto

⁸¹ BURGUESS. *A pesquisa de terreno*, p. 100-103.

considerado foi o vestuário envergado. Para além de calças de ganga, o investigador envergou blusões tipicamente usados pelos membros das claques e calçou sapatos desportivos ou botas. No caso concreto da observação-participante efetuada no seio das claques Super Dragões e Coletivo Ultras 95, e tendo em conta a condição de adepto do Futebol Clube do Porto, era possível usar cachecóis destas claques ou identificados com o clube. Mas tal não ocorreu nas claques Alma Salgueirista e Panteras Negras, pois os seus membros bem sabiam da filiação clubística do investigador, apesar deste se tornar sócio dos dois clubes apoiados por estes grupos para levar a cabo a pesquisa. Envergado um cachecol do Boavista Futebol Clube e/ou do Sport Comércio e Salgueiros seria um artifício de fingimento perante os elementos destas duas claques que poderia até prejudicar a convivência do investigador no grupo.

Durante o processo de integração, o investigador foi recebendo a confiança dos membros da claque e isso foi visível em várias situações. Foi-lhe permitido transportar alguns materiais das claques e até acender tochas, quando era legal fazê-lo. Foi também nesta fase que alguns membros das claques investigadas já solicitavam ao investigador a opinião sobre os mais diversos assuntos. Foi mesmo pedido ao investigador para escrever dois textos que seriam publicados na página da internet de uma das claques. Este, bem consciente da importância de assumir a condição de retribuinte considerada por Cabral⁸² perante uma claque que sempre colaborou com a pesquisa, não deixou de colaborar. Em algumas situações, e à semelhança do que se verificou com Sobral,⁸³ o investigador foi muitas vezes o confidente, não só de diversas vicissitudes em torno das atividades das claques e das relações destas com as direções dos clubes e até com as autoridades, mas, sobretudo, da vida pessoal de alguns dos elementos dos grupos estudados. Tal foi flagrante nas entrevistas e narrativas autobiográficas que posteriormente se realizaram. No sentido em que recomendou Bernard,⁸⁴ só agora tinha chegado o momento de colocar aos membros das claques algumas questões mais sensíveis.

⁸² CABRAL. Notas críticas sobre a observação-participante no contexto [...], p. 335.

⁸³ SOBRAL. *Trajetos*, p. 384.

⁸⁴ BERNARD. *Research methods in Anthropology*, p. 141.

O maior grau de participação nas atividades das claques colocou o investigador face a situações de violência, furtos, roubos e ações de vandalismo. Esta possibilidade era conhecida de antemão. Tal como Giullianoti,⁸⁵ quando se partiu para a observação-participante havia a plena consciência dos riscos a enfrentar. Não houve qualquer participação do investigador em tais ações, pois as mesmas comportariam riscos de detenção, pois constituem crimes puníveis.

Mas esta opção do investigador colocou-o em situações que não foram fáceis de resolver. Implicou, por exemplo, recusar algumas colaborações que foram solicitadas. Foi pedido ao investigador para esconder material pirotécnico e tentar entrar com ele dentro dos estádios, pois sendo conhecido da polícia, sobre ele não iria recair qualquer tipo de suspeição. Foi sempre lembrado a quem solicitou tal tentativa que a revista era sempre efetuada, havendo, por isso mesmo, grande probabilidade dos artefactos pirotécnicos serem detetados.

Este é apenas um exemplo de quão complexa pode ser a interação entre o investigador e os sujeitos investigados. Mesmo quando parece mais fácil por se ter atingido um bom nível de integração no grupo, as negociações e a procura do consenso operacional mantêm-se. O mesmo se verificou na investigação de Giullianoti⁸⁶ sobre os *Casuals*. Na investigação sobre as claques portuenses, e para além da recusa em tentar introduzir artefactos pirotécnicos, foi ainda recusada a compra de um revólver e a colaboração nos furtos. No que à violência diz respeito, a negociação era ainda mais complexa. Quando as claques são atacadas, há um dever de solidariedade e entreaajuda para fazer face a ataques de elementos de claques ou adeptos adversários. Tal obstava à fuga imediata por parte do investigador. Realce-se, todavia, que o policiamento das claques torna mais difícil este tipo de ataques, sendo até mais frequentes as altercações entre as claques e as forças policiais, tendo estas efetuado algumas intervenções com bastão que atingiram os membros destes grupos... e também o investigador!

Ainda no que à observação-participante diz respeito, importa ter em conta um certo paradoxo inerente a esta técnica. Como destacou Cabral,⁸⁷ "a participação

⁸⁵ GIULIANOTTI. Participant observation and research into football hooliganism, p. 12.

⁸⁶ GIULIANOTTI. Participant observation and research into football hooliganism, p. 12.

⁸⁷ CABRAL. Notas críticas sobre a observação-participante no contexto [...], p. 332.

total não é consistente nem conciliável com a observação intensa". Ao longo da investigação procurou-se sempre um equilíbrio entre a observação e a participação, sendo este ainda mais justificado pelo contexto emotivo dos jogos de futebol. Quando este era mais intenso, procurou-se dar mais pendor à observação e não tanto à participação. Tal significa que nos jogos mais importantes e emotivos, o investigador procurou ocupar lugares nas margens dos grupos, ainda que junto a eles. Por sua vez, nos jogos mais comuns e com menos intensidade emotiva, optou-se por ocupar um lugar no estádio no meio do grupo, sendo assim possível ouvir as conversas entre os membros e participar nas mesmas.

Sobre a observação-participante importa ainda salientar que o longo período de tempo em que a mesma decorreu permitiu ao investigador conhecer com bastante detalhe as diversas dimensões do funcionamento das claques portuenses. Verificou-se, por isso mesmo, uma certa saturação na recolha da informação que Flick⁸⁸ e também Guerra⁸⁹ consideraram, uma vez que já não ocorriam novas situações que pudessem ser relevantes para a investigação. Por conseguinte, verificou-se a necessidade de redirecionar a observação.

Na última fase deste processo a atenção do investigador orientou-se, por isso, para aspetos muito específicos que ainda não se encontravam esclarecidos. De uma observação ampla e descritiva das mais diversas atividades das claques portuenses, passou-se a uma observação mencionada por Flick⁹⁰ e Bernard⁹¹ focalizada e selecionada. Foram então observados aspetos muito específicos que visaram dar uma resposta mais rigorosa aos objetivos da investigação.

Aproximou-se então o momento em que a observação-participante iria cessar. Ao contrário da posição de Taylor enunciada por Bernard,⁹² não houve qualquer fadiga ou aborrecimento na escrita do diário de campo. Todavia, o registo foi-se tornando cada vez mais breve, uma vez que da observação-participante efetuada já não resultavam dados novos que fossem grande motivo de registo.

⁸⁸ FLICK. *Métodos qualitativos na investigação científica*, p. 139.

⁸⁹ GUERRA. *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentido e formas de uso*, p. 42.

⁹⁰ FLICK. *Métodos qualitativos na investigação científica*, p. 142-143.

⁹¹ BERNARD. *Research methods in Anthropology*, p. 163.

⁹² BERNARD. *Research methods in Anthropology*, p. 163-164.

Deixar de frequentar as claques portuenses foi um processo lento e era desejável que assim fosse. O estádio passou a ser o preâmbulo das entrevistas e narrativas autobiográficas que posteriormente foram realizadas e por isso os contactos teriam de ser mantidos. A frequência dos estádios foi sendo menor e as razões para a menor assiduidade explicada aos líderes do grupo e aos outros membros com os quais se estabeleceu uma relação mais frequente. Não houve, por isso, qualquer negligência para com esta etapa. Ao invés, da observação-participantes resultaram relações sociais e amizades que não deixaram de gerar um sentimento de gratidão por parte do investigador face aos elementos das claques portuenses. Este não esquece a confiança que recebeu por parte dos investigados, sobretudo quando estes partilharam segredos do grupo e da sua vida pessoal.

Reconsiderando a condição de adepto do Futebol Clube do Porto e a primeira investigação efetuada no seio da claque Super Dragões, é possível afirmar que o investigador, na verdade, não mais deixou esta claque, pois é nesta que continua a assistir aos jogos do seu clube.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No final de um processo de observação-participante que durou quatro épocas futebolísticas e durante as quais foi possível observar e participar em atividades muito diversas, não é possível esquecer a intensidade de algumas delas. É imprescindível considerar que a principal atividade das claques estudadas é apoiar clubes de futebol e os jogos em que estes participam constituem uma unidade de espaço, tempo e ação que configura um contexto fortemente emotivo. Mas é também fundamental destacar, como já foi referido, a interação com vários elementos das claques portuenses que confiaram ao investigador importantes segredos dos grupos e relataram até vivência pessoais, algumas delas até da sua intimidade. Por conseguinte, a observação-participante levada a cabo no seio das

claques portuenses é também, como sublinharam Bernard⁹³ e Iturra,⁹⁴ uma experiência de vida muito pessoal para o investigador.

O olhar retrospectivo para todo o processo é muito revelador da forma como a representação social acerca das claques de futebol poderá afetar a observação-participante. Mas esta técnica é também absolutamente fundamental para um melhor conhecimento destes grupos. Na verdade, todo este processo permitiu ao investigador tomar consciência da necessidade de tomar algumas precauções quando se leva a cabo uma observação-participante, não apenas no contexto do tipo de grupos como os que foram estudados, mas também para outros grupos, comunidades ou contextos.

Como se disse, há da parte da população portuguesa uma perceção bastante negativa sobre as claques. Para esta muito contribui a abordagem noticiosa que a comunicação social faz destes grupos. Giullianoti⁹⁵ fez referência ao perigo de influência que isto pode ter sobre os temas a investigar. Esta é evidente nas diversas publicações, quase sempre centradas na violência. Bromberger destaca precisamente este aspeto ao referir que os únicos estudos detalhados sobre adeptos são os que se centram sobre o *hooliganismo*⁹⁶ Não surpreende que os estudos sobre as claques incidam, sobretudo, na violência, furtos, roubos e atos de vandalismo perpetrados por alguns dos seus membros.

Mas como constatou Sobral,⁹⁷ por vezes, é grande a distância entre as categorias de análise apriorística do investigador e a realidade empírica que este encontra. É indesmentível que alguns dos membros das claques portuenses, à semelhança de outras, envolvem-se em violência e praticam furtos, roubos e atos de vandalismo. É também verdade que tais atos constituíram algum risco para a observação-participante que foi levada a cabo. Há, porém, uma questão de grau que importa sublinhar. Se o risco existe e pôde ser confirmado, é também verdade que tais factos ocorreram muito menos vezes do que se poderia prever à partida

⁹³ BERNARD. *Research methods in Anthropology*, p. 164.

⁹⁴ ITURRA. Trabalho de campo e observação em Antropologia, p. 157.

⁹⁵ GIULIANOTTI. Participant observation and research into football hooliganism, p. 12.

⁹⁶ BROMBERGER. *Le match de football*, p. 12.

⁹⁷ SOBRAL. *Trajetos*, p. 377.

quando se iniciou o trabalho de campo. Tal como Armstrong,⁹⁸ foi possível permanecer nas claques portuenses sem que se fosse grandemente afetado por este tipo de incidentes. O pânico moral em torno destes grupos não foi totalmente confirmado pela factualidade e, por isso, a observação-participante no seio das claques portuenses não se afigurou como perigo permanente.

Como se referiu no início deste texto, esta investigação suscitou questões e causou perplexidade em função da representação e estereótipo de marginalidade associado às claques dos clubes de futebol. Estas parecem ser grupos fechados e perigosos, sendo difícil a entrada nos mesmos. No entanto, o investigador tem hoje consciência de que a representação e o estereótipo em torno das claques, por ser redutor, está longe de revelar a complexidade destes grupos. Os resultados da investigação levada a cabo revelam que, para além da violência, furtos, roubos e vandalismo serem os atos menos frequentes, importa destacar que as claques não são todas iguais e são também diversos os membros de uma mesma claque.

* * *

REFERÊNCIAS

- ARMSTRONG, Garry. **Football hooligans**: knowing the score. Oxford: Berg, 1998.
- BERNARD, H. Russel. *Research methods in Anthropology: qualitative and quantitative approaches*. London: Sage Publications, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **La distinción**: critério y bases sociales del gusto. Maria del Carmen Ruiz de Elvira. Madrid: Editora Taurus, 1998.
- BROMBERGER, Christian. **Le match de football**: ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin. Paris: Editions de la Maison des Sciences de L'Homme, 1995.
- BROWN, Sean; MAJUNDAR, Boria. **Football fans around the world**: from supporters to fanatics. Londres; Routledge, 2007.
- BURGESS, Robert. **A pesquisa de terreno**. Eduardo de Freitas e Maria Inês Mansinho, Oeiras: Celta Editora, 1997.
- CABRAL, João de Pina. **Os contextos da Antropologia**. Lisboa: Difel, 1991.

⁹⁸ ARMSTRONG. *Football hooligans*, p. xiii.

CABRAL, João de Pina. Notas críticas sobre a observação-participante no contexto da etnografia portuguesa. **Análise Social**, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Lisboa, v. XIX (76) , n. 2, p. 327-339, 1983.

CLARK, John. Football and working-class fans: tradition and change. In: INGHAM, Roger; HALL, Stuart; CLARK, John; MARSH, Peter. "**Football hooliganism**": the wider context. London: Inter-Action Inprint, 1978, p. 37-70.

DOIDGE, Mark; KORSAKOWSKI, Radoslaw; MINTERT, Svenja-Maria. **Ultras**: the passion and performance of contemporary football fandom. Manchester: Manchester University Press Series, 2020.

DOIDGE, Mark; LIESER, Martin. **The Ultras**: a global football FAN phenomenon. Londres: Routledge, 2021.

DORTIER, Jean-François. **Dicionário das Ciências Humanas**. Maria do Rosário Paiva Boléo. Lisboa: Climpsei Editores, 2006.

DUNNING, Eric; MURPHY, Patrick; WILLIAMS, John. **The roots of football hooliganism**. Londres: Routledge, 1992.

DUNNING, Eric; MURPHY, Patrick; WADDINGTON, Ivan; ASTRINAKIS, Antonios. **Fighting fans**: football hooliganism as world phenomenon. Dublin: University College Dublin Press, 2002.

ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

FLICK, Uwe. **Métodos qualitativos na investigação científica**. Artur M. Parreira. Lisboa: Monitor, 2005.

GIL, António Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, Editora Atlas, 1989

GIULIANOTTI, Richard. Participant observation and research into football hooliganism: reflections on the problems of entrée and everyday risks. **Sociology of Sport Journal**, v. 12, n. 1, p. 1-20, 1995.

GIULIANOTTI, Richard. Avenues of contestation: football hooligans running and rulling urban spaces. **Social Anthropology**: The Journal of the European Association of Social Anthropologists, v. 10, n. 2, p. 211-238, 2002.

GOFFMAN, Erving. **A apresentação do eu na vida de todos os dias**. Miguel Serras Pereira, Lisboa: Relógio d'Água, 1993.

GUERRA, Isabel. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo**: sentido e formas de uso. Estoril: Principia Editora, 2006.

HARRINGTON, J. H. **Soccer hooliganism**. Bristol: John Wright & Sons, 1968.

ITURRA, Raúl. Trabalho de campo e observação em Antropologia. In: SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira. (Orgs). **Metodologia das Ciências Sociais**. Porto: Edições Afrontamento, 1986, p. 149-163.

- KERR, John. **Understanding hooliganism**. Buckingham: Open University Press, 1994.
- KING, Anthony. Outline of a practical theory of football violence. **Sociology**: The Journal of the British Sociological Association, v. 29, n. 4, p. 635-651, 1995.
- LAGO, Alessandro Dal; BIASI, Roce de. Italian football fans: culture and organization. In: GIULIANOTTI, Richard (ed). **Football violence and social identity**. London: Routledge, 1994, p. 73-89.
- LEWIS, Oscar. Controls and Experiments in Field Work. In: KROEBER, A. L. **Anthropology today**: an encyclopedic inventory. Chicago: University of Chicago Press, 1953, p. 452-475.
- MALINOWSKI, Bronislaw. António J. Desmonts. **Los argonautas del Pacífico Occidental**. Barcelona: Ediciones Península, 1975.
- MARIVOET, Salomé. Violência nos espetáculos de futebol. **Sociologia**: problemas e práticas. Centro de Investigação e Estudos de Sociologia. Dep. de Sociologia, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa, n. 12, p. 137-153, 1992.
- MARQUES, Margarida; MANUEL, Fátima; MAIA, Paula. **O envolvimento juvenil nas claques de futebol**: o caso Juve Leo. Lisboa: Ministério da Educação (Direção Geral dos Desportos), 1988.
- MARSH, Peter; ROSSER, Elizabeth; HARRÈ, Rom. **The rules of disorder**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980.
- MOREIRA, Carlos Diogo. **Planeamento e estratégias da investigação social**. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1994.
- NUMERATO, Dino. **Football fans, activism and social change**. Londres. Routledge, 2018.
- PEREIRA, Luis Miguel. **Dicionário de futebol**: manual do adepto. Lisboa: Booktree, 2002.
- PERETZ, Henri. **Métodos em Sociologia**. Joaquim Cândido Machado da Silva. Lisboa: Temas e Debates, 2000.
- PODALIRI, Carlo; BALESTRI, Carlo. The Ultras, racism and football culture in Italy. In: BROWN, Adam (eds). **Fanatics! Power**: identity and fandom in football. London: Routledge, 1998, p. 88-100.
- PORTELA, José. Observação-participante (Reflexões sobre uma experiência). **Caderno de Ciências Sociais**, n. 3, p. 157-177, 1985.
- REDHEAD, Steve. **Subcultures to subcultures**: an introduction to popular cultural studies. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1997
- ROBSON, Garry. “No one likes us, we don’t care”: the myth and reality of millwall fandom. Oxford: Berg, 2000.
- ROVERSI, António. **Calcio, tifo e violenza**: il teppismo calcistico in Itália. Bologna: Società Editrice Il Mulino, 1992.

SEABRA, Daniel. **Claques de futebol**: o teatro das nossas realidades. Porto: Edições Afrontamento, 2019.

SOBRAL, José. **Trajetos**: o presente e o passado na vida de uma freguesia da Beira. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 1999.

SPAAIJ, Ramón. **Understanding football hooliganism**: a comparison of six Western European football clubs. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2006.

TAYLOR, Ian. 'Football mad': a speculative Sociology of football hooliganism. In: DUNNING, Eric (ed.). **The Sociology of Sport**: a selection of readings. London: Frank Cass & CO. LTD, 1971, 352-377.

* * *

Recebido: 01 de março de 2023.
Aprovado: 15 de maio de 2023.